

REVISTA DO MINHO

DEDICADA AO ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Collaborada por todos os folk-loristas portuguezes e estrangeiros

Director: José da Silva Vieira

VOL. II

(Segunda edição)

EDITOR—MANOEL BOAVENTURA

Comp. e impressão, Typ. Espozendense—Espozende

Redac. e adm.—Livraria Espozendense



ESPOZENDE

EMPRESA DA "REVISTA DO MINHO,"—EDITORA

1886—1912
1914

THE HISTORY OF THE

REPUBLIC OF THE UNITED STATES OF AMERICA

BY

1877



FOLK-LORE ALEMTEJANO

XXI

*Rimas e jogos infantis, colligidos no
concelho d'Elvas*

(Appendice á collecção publicada
no *Boletim da Sociedade de Geogra-
phia de Lisboa*, serie 4.^a, n.º 12

FORMULAS E JOGOS PARA OS PEQUENINOS

I

Dae, dae, na cabecinha,
Dae, dae, que 'stá borradinha. (1)

2

Dêdo meiminho,
Este pede pão
Este diz que não ha,
Este fecha a porta,
Este vae-se deitar. (2)

(1) Ensinando a creança a dar com a mão
na cabeça.

(2) Dialogo dos dedos.

3

Manita quebrada,
Nem come, nem fia,
Nem faço nada. (1)

GYMNASTICA DE LINGUA

4

Alho, alho,
Caracol e couve,
Couve, couve,
Caracol e alho,
O alho por ser mais valente
Fez a couve n'um frangalho.

JOGOS DIVERSOS

5

—Cabra cega, d'onde vens?
—Do Castello velho.

(1) Batendo-lhes com a propria mãosinha
levemente na cara.

—Que vens comendo?
 —Pão e toucinho.
 Dá-me um bocadinho.
 —M... para o teu focinho,
 Que é mais clarinho.
 —O que andas á busca?
 D'agulhas.
 —De que?
 —D'albarda.
 —Fina ou grossa?
 —Fina.
 —Busc'á. (1)

6

Advinha, advinhão,
 Quantos dedos tem na mão,
 Se dizia que eram cinco (ou 3 ou 4)
 Não perdia nem ganhava,
 Não levava as pancadas
 Que o seu corpo tem levado
 O' terem, tim, tim,
 O' terem, tim, tão,
 Advinha advinhão,
 Quantos dedos tem na mão. (2)

7

Já lá levas o cabaço
 Amarrado á cintura,
 Bem te podes ir embora
 Que tens pouca ventura.
 Quer casar? (3)

8

—Pica cevada,
 Quem picou?

 (4)

(1) No jogo da cabra cega.

(2) No jogo do Esconde-esconde.

(3) Jogo de meninas. Tres dão roda e uma no centro. Cantam aquella quadra e no fim perguntam: *Quer casar?* Quando a do centro diz *Sim*, aquella a quem responde passa para o seu lugar, e continua o jogo.

(4) Excerpto de um jogo de rapazes que desconheço.

AMPHIGURIS

9

Sam Sermão,
 C'o barrete na mão,
 E uma espada de cortiça
 P'ra matar a carriça,
 A carriça deu um berro,
 Tod'á gente s'assombrou,
 Ficou só 'ma velhinha
 A mijar n'uma covinha.

FORMULAS RELATIVAS A ANIMAES

IO

Este lobo
 Por onde passou,
 Tudo comeu
 Nada pagou.

II

—D'onde vindes vós,
 Tordos loucos,
 Que vindes muitos,
 E ides poucos?
 —P'r'áonde vindes vós
 Andorinhas p. . .
 Que vindes poucas
 E ides muitas?

FORMULAS E APODOS PELOS NOMES
E APPELIDOS

I2

Maria Thereza,
 Tudo quanto vê deseja.

I3

Que te importa a ti Mauricio,
 Quem come e bebe do seu officio?

I4

Desde que morreu o Miranda
 Tudo assim anda.

I5

Senhor S. Thomé
 Tirado d'agora
 Sempre assim é.

FORMULAS DIVERSAS

16

Anginho bento
Te entre pela bocca adentro. (1)

17

Que te aproveite
Essa pinguinha de leite. (2)

18

Benza-te Deus,
Maus olhos te não vejam. (3)

19

Jesus!
Para bem te crie. (4)

20

Cirinita dos infantes,
Destes nobres cavalheiros,
Que comestes azeitonas;
Deitastes os caroços inteiros,
Se eu por aqui não fosse venido
Este muchacho era perdido,
De piolhos e galfarros
E caganitas de lebre,
Aqui no topete arriba sete,
Aqui nesta frente outro defrente,
Aqui no cagote outro arrepelote,
Na cabeça outro de creança. (5)

21

Rala, rala,
Que come pão e palha. (6)

22

P'la manhã ouro,
Ao meio dia prata,
E á noite matta. (7)

- (1) Quando as creanças bocejam.
(2) Quando as creanças de peito vomitam.
(3) Dizem quando beijam as creanças.
(4) Dizem quando as creanças espirram.
(5) Catando os piolhos aos rapazes.
(6) Dizem os rapazes, troçando os companheiros.
(7) A laranja quando é comida.

23.

Entrarás
E não sahirás. (1)

24

Muràs, murão,
Péga lá o mê dente pôdre
E dá cá o mê são. (2)

25

Homem ruivo
E mulher barbuda,
De longe os saúda.

26

Dóminó concurso.
Cáca de macaco. (3)

27

Ou é frio ou fome, ou somno,
Ou ruindade do dono. (4)

28

—Ail! senhora madrinha,
Que eu ardo!
—Senhor afilhado:
Moça fui,
Velha sou,
Nunca tal fogo
Por mim entrou. (5)

29.

Quem tem, tem,
Quem não tem, não tem. (6)

RIMAS DIVERSAS

30

Santos de Catalunha,
Olhos grandes,
Vista nenhuma.

- (1) Dizem do antraz.
(2) Formula usada no Algarve, e recolhida em Elvas.
(3) Dizem quando ouvem espirrar.
(4) Dizem, quando veem bocejar.
(5) Chamam a esta parlenda *O ardimento do noivo*.
(6) E' a voz do sino do Trem d'Elvas (Arsenal).

31	Estou rijo e valente, Capaz de dár ao dente.	42	Se vos asneiraes Inda vereis mais.
32	Quem advinha Vae p'rá casinha (prisão).	43	Adeusinho, Que é mais docinho.
33	Lombo de porco inteiro, Do c. . . d'um sachineiro.	44	Lerias tuas Trinta e duas.
34	Um quente com um frio, Que é bom p'ró fastio.	45	Na casa deste homem Quem não trabalha não come.
35	<i>Ego sum,</i> Bacalhau com atum.	46	Maria Margalhona Sapato no c. . . E pé na aldraba.
36	Quatorze, Cá o trouxe.	47	Chouriço Faz a gente arisco.
37	Santo Antonio nos appareça, C'um cesto de bolos á cabeça.	48	Murcella Faz a gente amarella.
38	Se tivesse, vendia, Que era dinheiro que fazia.	49	Alleluia, alleluia, Rabo de bacalhau p'r'á rua.
39	Se quer vir, venha, Que vou para a azenha.	50	Estou ao seu dispor, Como a couve flor.
40	Não tem eira, nem beira, Nem ramo de figueira.	51	Fui ao matto Buscar gravato.
41	Não se afflija, Que logo mija.		

52

E' entrudo,
Passa tudo.

53

Se lá não chegar
A vida lhe ha-de custar.

54

—Ganhou!...
O que a burra ganhou em maio.

55

Tão, balão,
Morreu o Sachristão,
A's portas da villa,
Co'as chaves na mão.

56

O ratinho
Rata o pão e rata o queijo,
O' menina dá-me um beijo.

57

Você, é estrebaria,
Nella come e n'ella cria.

58

Não é calhandra
Mas perto lhe anda.

59

João Ratão cahiu na olha,
Nunca se viu panella mais gorda.

60

Ai, ai, vida minha
Quem não come não mastiga.

61

Alvelsa,
Quem a apanha
E' mais leve que ella.

62

Deixe!...
Bacalhau
Tambem é peixe.

63

—Deus me livre!...
—De comer carne de abibe.

64

—Ora estal!...
—E' filha da abelha mestra.

65

Viva lá!...
Que é uma moda
Que anda cá.

66

—Bem!
—Casarei co'a filha,
E co'a mãe tambem.

67

—Está prenha...
—Do burro da azenha.

68

—Aonde his?
A Evora Monte
Fazer barris.

69

—Venha outra...
—Sôra potra.

70

—Por um tris!...
—Não caio para traz
E quebro o nariz.

71

—Muito bem!

—Se canta na sé
Mas é quem é.

72

—O que fôr soar. . .
—Se não fôr sino de cortiça
Com badalo de lâ.

73

—Jesus!
—Que se apaga a luz.

74

—Toma,
Que vaes para Roma.

75

O maldito gallo
Que azas que tinha,
Vae-te embora, gallo,
Que eu não sou gallinha.

76

- a) Maria do valo
Comendo repolho,
Veio de lá o cão
Tirou-lhe um olho.

Maria da Costa
Comendo sallada,
Veio de lá o cão
Deu-lhe uma dentada.

77

Mané Céguinho
Já não tem piroca
Cortou-lh'a a mulher
Com o fio da roca.

- b) O doutor Zé Palos
Foi ós agrídes,
Ao saltar a valla
Cahiram-lhe os calções.

78

- b) O doutor Zé Palos
Foi ás alabaças,
Ao saltar a valla
Cahiram-lhe as calças.

- c) O doutor Zé Palos
Foi falso aos nossos
Tiraram-lhe os olhos
Para padre-nossos.

79

O' senhor doutor
Venho fazer as queixas,
Dóe-me a barriga
De comer ameixas.

80

Não é nada,
Zé Quitoles,
Mud'ás mãos,
Toc'ós folles.

FACECIAS E ROMANCES

81

Era, não era,
Andava na serra,
Lavrando c'um cartaxo
E tres calhandras,
Veio-lhe noticia
Que o pae era morto,
E a mãe por nascer,
C'os sapatos á cintura
Parte a correr,
Lá no meio do caminho
Tres ovos de batarda,
Deitou-os á sua burra parda,
Sahiram-lhe tres gamellas,
E foi a casa com ellas.

82

Cheguci á janella
 Para vêr quem vinha,
 Vinha 'ma saloia
 Pela ru'ácima,
 C'uma cesta d'ovos,
 'Ma gallinha em cima,
 —O' mulher dos ovos
 Suba cá acima,
 A como vende os ovos?
 —A tres ó vintem,
 Não os vendo por
 Menos a ninguem.—
 O' descer da escada,
 O' voltar da esquina,
 'Scorreg'á mulher,
 Cahí alcofinha,
 Bubraram-s'os ovos,
 Fugi a gallinha.

ANTONIO THOMAZ PIRES.



O CANCEINEIRO DO HERMINIO



As canções teem azas como os passaros. Voam de povoação em povoação, perpetuando-se pela tradição *oral* tanto ao norte como ao sul, ao oriente como ao occidente de um paiz. Assim, uma trova do Algarve, a da *Engeitada* por exemplo, tem corrido todo o Portugal do sul para o norte, e é conhecida no Doiro, onde já por mais de uma vez a ouvimos cantar.

Todavia, as canções das regiões montanhosas, como a serra da Estrella, não adejam facilmente para além dos seus alcantis nataes. Ani-

nham nos pincaros como as aguias, e como as montanhas alpestres são pouco accesiveis ao trato humano, como só raro viajante extranho ás visita, succede que o cancionero das montanhas é ordinariamente pouco conhecido.

A Serra da Estrella começou a ser explorada, sob um ponto de vista ethnographico, desde 1881, epoca em que a *expedição scientifica* a visitou. Mas nem os membros d'essa expedição, nem os viajantes que posteriormente os teem imitado se deram ao agro trabalho de recolher as serranilhas, as canções locaes dos pastores do Herminio e das povoações limitrophes.

Este trabalho está por fazer, e não seremos nó que o possamss realizar. Faltam-nos todos os elementos para isso; falta-nos até o principal, ter visitado a serra da Estrella. Mas este artigo tem por fim lançar o alvitre da condenação do cancionero do Herminio, na esperança de que haja de ser aproveitado por quem se encontre em condições favoraveis para levar a cabo a empreza.

O que de longe conhecemos do cancionero da serra da Estrella, pouco é. As canções das montanhas, repetimol-o, voam menos do que as outras. E' preciso ir surprehendel-as na origem. Por isso somos obrigado a contentar-nos com o pequeno peculio de uma ou outra canção que tem batido as azas para fóra dos alcantis do Herminio.

Miguel Leitão de Andrade, na *Miscellania*, tras o mote de uma trova antiga da serra da Estrella, que o snr. Marrecos Ferreira copiou no relatorio da secção etnographica da expedição de 1881.

Madanella
 Nasceu na serra da Estrella,
 Que confina com as estrellas,
 Tomou a esperesa d'ella,
 E a formosura d'ellas.

Copiando o mote, diz Miguel Leitão que «foi muito cantado, o grozado, e com muytas voltas, que deveu ser feito em louvor d'alguma serrana nobre chamada Madanella».

Na *Musa das revoluções* (Lisboa, 1885), publiquei uma ballada da serra da Estrella, que pude haver de um amigo, e que até hoje ainda não conseguí interpretar satisfatoriamente.

Parece baralharem-se n'essa ballada confusas recordações de uma invasão armada ou talvez de mais de uma invasão. Não creio ainda hoje que seja unicamente uma tradição semi-apagada da epoca de Viriato e das suas façanhas contra os romanos. Tal como a reproduzo, a ballada foi escripta de memoria por um cavalleiro octogenario da serra da Estrella.

Diz assim:

Oh! como traz botas
 De neve té o joelho,
 No ingreme atalho,
 A gente de velho,
 Maioral, na frente,
 Co'o peso d'annos andando,
 Do triste rebanho,
 A rir ou chorando?

S. Romão, S. Romãosinho,
 Nosso firme advogado,
 Tereis optima offerta,
 Se nos escapar o gado.

Ah' que magna turba
 Vem de lá abaixo ahí

Direita á jugunda
 E os nossos por aquil

S. Romão, S. Romãosinho, etc.

Virgem do Desterro,
 Nossa boa padroeira,
 Protegei-os, defendei-os
 Da troça estrangeira.

Romanos avançam
 Ao cume da serra,
 E o luso se passa
 Para detraz d'ella.

Ai da Serra!
 Ai da Estrella!
 Ai do Alva!
 Ai o frécheiro!
 Em mãos d'africano
 Na Serra Leoa,
 Nos Montes da Lua,
 Antes eu viva,
 Do que estou vendo.

S. Romão, S. Romãosinho, etc.
 Virgem do Desterro, etc.

Como é raça de cães,
Manteigas vão descobrinde,
 Emquanto ficam lambendo,
 O velho se vai sumindo.

Maioral vai deante,
 Co'o peso da gyria
 Se vai atrasando,
 Vão todos contentes,
 Já nenhum chorando.

Velho o chamam,
 Velho, é elle
 Nos annos é tenro:
 Cá para nós,
 E' o nosso menino.

Da Serra da Estrella,
 Do Monte de Muro,

O gado está salvo
No Porto seguro.

Senhora do Desterro,
Bem dita sejaes,
Inda hoje no templo
Nos ouviraes (*sic*).

S. Romão, S. Romãosinho,
Nosso firme advogado,
Ahi tendel-a a offerta,
Que é o nosso melhor capado.

Posteriormente pude obter algumas trovas populares que as *cachopas* (raparigas) das proximidades da serra da Estrella cantam, e n'ellas, como na ballada, se manifesta a devoção popular d'aquelles povos por Nossa Senhora do Desterro, a que na ballada se chama, como vimos, *nessa boa padroeira*.

A Senhora do Desterro
Tem a carvalha á porta.
Senhora, dai-me um raminho
Para pôr na minha horta.

A Senhora do Desterro
E' mãe de quem a não tem.
Vós dizeis que Ella é vossa,
E ella é minha tambem.

Algumas, outras que possuo, contêm allusão local, com por exemplo:

Eu hei de ir á Serra da Estrella
Mas não ha de ser no inverno,
Acompanhado do meu amor
Para vermos a rua do inferno.

Linda terra é Teixoso
Para pera e maçã.
Para meninas bonitas
A cidade da Covilhã.

Teixoso é freguezia da invocação de Nossa Senhora dos Córos. A Covilhã foi elevada a cidade em outubro de 1870. Sendo decerto a trova mais antiga, a palavra *villa* terá sido substituída por *cidade*, na tradição oral ou pelo copista.

Chove agua meudinha
Lá para as bandas da Lapa.
Coitadinho do meu amor,
Que foi para lá sem capa.

Outras cantigas teem um sentido exclusivamente amoroso, como a maior parte das que constituem o nosso cancionero popular:

O meu amor é João
Sobrenome não lh'o sei.
São amores novos,
Ainda lhe não perguntei.

Esta rua tem pedrinhas,
Hei-de-lh'as mandar tirar.
Com biquinhos d'alfinetes.
Para o meu amor passar.

O meu amor de brioso,
Não traz fita no chapeu,
Traz um cordão de seda,
Parece um anjo do ceu.

O castanheiro bate-bate,
Quem bem o ouço bater.
Com os ouriços no telhado
Para o meu amor entender.

O rouxinol quando canta
Tem a cauda na silveira.
Coitada da viuvinha,
Que não acha quem a queira.

Não posso dar a um simples artigo maiores dimensões do que este já tem. Entretanto bastam as ligeiros considerações que deixo expen-

didias, creio eu, para fazer sentir quanto seria util e interessante coordenar o cancioneiro do Herminio e de outras montanhas do nosso paiz que, pela difficuldade do accesso, fecham como um thesouro encantado, dentro dos seus fraguados agrestes, as tradições poeticas dos seus habitantes.

ALBERTO PIMENTEL



ETHNOLOGIA AÇORIANA

PARODIAS POPULARES

II

O PADRE NOSSO MAIOR

Theophilo Braga nas suas notas e paradigmias aos *Contos populares do archipelago açoriano*, paginas 391, escreve:

«O povo parodia com a mesma audacia da idade media, as orações religiosas, fazendo uma *farçiture* de amor dos cinco sentidos, da oração dos Dez mandamentos e dos Sacramentos; é o instincto revolucionario que introduziu no canon da missa a canção da *Bella Mix*.

Pode-se citar, como exemplo, a seguinte quadra, ao que deu assumpto a *Salva Rainha*, oração do Cathicismo catholico.

Salve Rainha
Fugiu p'ra vinha,
Co'o sacho na mão
A plantar couvinha.

E' a irreligiosidade da epoca, instinctivamente, nas manifestações mais activas da mentalidade popular.

A pag. 87—88 da *Revista do Minho* «para o estudo das tradições populares» publiquei duas variantes do PADRE NOSSO PEQUENINO, colhidas em Ponte Delgada.

Abaixo dou uma do PADRE NOSSO MAIOR, colhido, tambem em Ponta Delgada.

E' um documento de grande importancia para quando as colecionar o Doutrinal de orações populares e creio que quasi desconhecido dos collectores.

Padre nosso maior

Sangue de Nosso Senhor.

Quando os anjos vão p'ra cruz

Vão todos em procissão:

S. Pedro leva a cruz

S. João leva o *pandão*,

Debaixo d'aquelle *panulão*

Leva o monumento armado

Jesus-christo *encravado*

De pés e mãos.

O sangue qu'elle deita

Cáe no *cales* consagrado.

N'esta vida *sará* rei

E na outra *sará c'road*.

Tira um'alma de penas

E outras de pecados,

Quem esta oração souber

..... (1)

E' bom que faça um *áto* de con-
trição

E outro *d'atrição*

E se ponha com Deus em Graça

De bom firme coração.

A pag. 175 dos *Contos do Archipelago* ha uma versão popular dos

(1) Não faltará aqui um verso, ou mais, incluindo a idéa de a resar?

MANDAMENTOS DA LEI DE DIUS, alem de orações a varios santos e perservati-
vos de differentes males.

Devia ser curioso reunir n'um volume o que anda ahi disperso, n'este genero, nas revistas e livros de tradições.

P. D. 30—agosto—1886.

Armando Julio da Silva.



GEREZIANA

Hoje, que o valor estetico das cantigas populares, e até o seu valor scientifico, como documentos de psicologia, de demografia e de etnografia, tem sido largamente evangelisado, todo o excursionista *comme il faut* tem de abrir as paginas da sua carteira para recolher solícito quantas quadras ouvir gargantear pelas laringes plebeias na estancia que visita.

A satisfação facil d'este preceito dá-lhe um certo *chic* de espirito fino, e rasga-lhe o ingresso na respeitavel sciencia *folke-lorica*, que receberá gostosa os seus tributos. Envergar por tão pouco a investidura de um viajante sabio e impressionista, vale a pena; passar pelo Gerez, indifferente a tal empenho, seria um crime punivel de *lesa folke-lore* que me pruiria de remorsos para todo o sempre.

Se o naturalista coleciona pelas moutas da serra a planta que desabrocha por aquelas altitudes as corolas silvestre, e o inseto que esvoaça sobre o teixo, faça-se tambem um ramilhete com as flôres serranas das canções, com as petalas roçadas pe-

las azas de ouro da alma popular.

Infelizmente o Gerez é hoje terreno sáfaro para folklorismo. A colmeia das Caldas vem dos grandes centros, infiltrada do prosaismo urbano e da asthenia das grandes cidades. A unica manifestação artistica é o gemedoiro cansante dos dous pianos que ha na terra—um por hotel. As teclas ás vezes lá desferem a valsa da moda ou a aria d'opereta, irritando-nos os timpanos. O maldito pianismo da baixa tambem ali conseguiu aninhar-se a 400.^m d'altura, ai se as altitudes matassem os Erards, como matam os microbios que bom era!

Em tempo, bem outra era a scena. Havia descantes, trovas e danças, acompanhadas com a orquestra campesina das violas. Então os aldeães frequentavam em chusmas a estancia termal, abalando-se de muitas leguas em redor, e animando o pequeno valle com o seu viver alegre e festivo.

Os viajantes do Gerez, no seculo passado, assistiram ainda a essa fase curiosa, da vida das Caldas. Link descreve-nos até as termas d'então como um logar de buculismos e de idilios ultra-arcadicos. *Le sexe n'este point farouche*, diz o tradutor francez do celebre viajante, cheio d'humorismo saudoso, a apontar-nos as moutas discretas dos medronheiros como recessos dulcissimos de Cythera.

Como este elemento campestre foi minguando tanto no decorrer dos annos, mal sei eu. Seria um effeito da luta pela existencia? a raça pe-
cuniariamente forte das cidades expulsaria o paria das aldeias?

Extinto ou quasi o trasmontano e o minhoto n'uma terra que não tem quasi população propria, e sómente-

se anima com a da arribação, o Gerez perdeu toda a sua antiga feição social, e com ella quaesquer livros aproveitaveis de folk-lore.

Não admira pois que nas suas *Notas a lapis* Sanches de Frias lamenta semelhante pobreza e nos aponta só umas quadras alejadas e tôlas que lhe cantaram á porta do Hotel Universal. Nós é que fômos bem mais felizes.

Tinha principiado a noite—uma d'aquelas noites do Gerez, que apenas nos deixam entrevêr uma nesga do ceu estrelado, entre os espinhaços negros da serra, quando fômos surpreendidos por um côro de vozes frescas e argentinas. Era um bando de raparigas, das que trabalham na estrada; a noite pozera termo ás suas tarefas, e ellas vinham em magote, com os cabazes da merenda enfiados no braço arremangado, entoando muito a unisono a sua canção favorita. Pararam no largo dos Castanheiros, onde nos deliciaram durante muito tempo com os seus cantares, recompensados no fim com o producto pecuniario d'uma *quête* promovida entre os ouvintes.

A mais esbelta e viva das raparigas permittiu-me que trasladasse a letra das canções; a muzica foi-me obsequiosamente notada por dois cavalheiros, assaz entendidos tecnica das semi-fusas. E a proposito—porque será que os nossos cultores da poesia popular tem descurado este lado apreciavel d'esthetica nativa, acogulando as cantigas e esquecendo os motivos musicaes? Será pela ausencia das tonalidades scientificas da filologia, da ethnologia, etc.?

O que é verdade, é que cantigas e musica me pareceram lá deliciosissimas. E que gargantas tão sãs, tão afinadas e timbradas! Ou isto, ou as

laringes, rechadas dos palcos de opereta, a compasão de batuta.

O ritornelo, o estribilho repetido a cada quadra era assim:

Uma libra, duas libras d'ellas,
O' que lindas bellas!
São de Cavalinho.
Sou firme, sou diligente
Sou leal (ó) meu bemsinho.

D'aqui deduzirá gravemente e com grandes fundamentos o folk-lorista que a canção não é com toda a certeza anterior aos celtas, mas posterior á introdução das libras de cavalinho, e portanto com um accentuado carimbo anglo-saxonico.

Saberemos mais pelo extravagante estribilho, que a musa popular sabe fazer trocadilhos com a palavra libra, e que gosta dos soberanos e bemsinhos. *Amor e dinheiro!* Que soberbo môtel! Cheira-me a forte corrução psiquica.

As quadras na maioria estão impregnadas d'um erotismo e intenso cultural, o sentimento mais vulgar que transluz no versejar do povo. Ahí vão na melhor sonica imitativa que pude arranjar, á parte os *vv*:

Tenho dentro de meu peito
Duas escadas de felôres;
Por fã descem suspiros
Por outra assobem amôres.

Viva quem aqui chegou,
Por ora nun digo quem.
Chegaram aqui dous olhos
A quem os meus querem bema.

Anar e saber anar
São pontinhos delicados.
Os que amam nun tem conta
Saber amar são contados.

Veem tambem gritos doridos, a carpia falta d'amores, e invocações com o seu que de irreverentes:

O' alta serra de neve
Tende de mim piedade!
Que me vejo sem amores
Na felor, da minha idade.

O' Senhora do Sameiro,
Eu queria ser vossa nora,
Se me dereis o menino,
Que 'stá no altar de fóra.

As ausencias, os rompimentos, as
contrariedades soltam tambem os
seus queixumes amargos:

Quando passo por ti porta,
E a vejo estar cerrada,
'Rasam-se-me os olhos d'agua,
Que não posso dar passada.

Já nun ha papel em Braga
Nem tinta no fintureiro
Pra 'screver ó (ao) meu amor
Para o Rio de Janciro.

Semear e nun colher
E' o que atrasa o lavrador;
Tambem eu 'stou atrasado
Em contas co'o meu amor.

Assestir por assestir
Bem te tenho assestido,
Já vejo que te num logro
Choro o meu tempo perdido.

Limociro tem pé d'ouiro,
Tambem tem rama de prata.
Tomar amores nun custa,
Deixal-os é o que mata.

A's vezes parece que as separa-
ções não custam muito e deixam a
cara alegre:

O'sentas-te de mim
Sem ter razão de queixa.
Que s'osenta sem ter causa
Nem leva penas nem deixa.

Quando eramos amigos
Eu andava no teu monte;
Agora que o nun somos
Vou beber a outra fonte.

Uma antologia amorosa em to-
dos os tons!

E as Caldas não terão inspirado
o menor verso?

Apenas o dr. Paulo Marcelino,
que teve a coragem de nascer lá
n'um reconcavo das abas da Cordi-
lheira, diz ter ouvido cantar aos que
regressavam do Gerez, delapidados da
bolsa:

Adeus, ó Caldas do Gerez,
Adeus, ó fonte da Bica,
Vim cá buscar a saúde,
O meu dinheiro cá fica.

D'isto não sabiam as nossas can-
toras que de algibeirinha quente lá
seguiram para os alpendres de D.
João V, o creador das caldas a en-
toarem-sabeis o que ó folke-loristas
da minha alma?... a Marselheza!
Maldita a hidra que manchou os co-
rações e as purezas tradicionaes das
terras geresianas. Nem sequer o Rei-
chegou, ali tão perto de Villar-de-
Veiga, onde bivacaram as guerrilhas
realistas do celebre padre Casimiro!

R. J.



D. FORTUNA E D. DINHEIRO

(CONTO POPULAR)

Foi um facto celebre!
Não sei como passou á posteri-
dade!

O facto é que me estava reser-
vado o privilegio de chronista n'es-
ta historia; portanto sem mais pre-
ambulos vamos a entrar em assum-
pto.

*

*

*

N'um reino, que não vem nada para o caso o seu nome; viviam ha muito enamorados: D. Fortuna e D. Dinheiro, de tal fôrma ligados que não se via um sem o outro—era a corda e o caldeiro.

A malidicencia, que é um vicio antigo, começou a desdenhar d'estes namoricos. Os visinhos invejosos murmuravam accintosamente,

O matrimonio porem veio pôr termo á murmuração.

*

* *

Era D. Dinheiro um rochunchudo mocetão, de cabeça redonda, e cabellos da côr do ouro de lei, barriga de prata do Mexico, pernas de cobre de Macau e pés... quanto aos pés, que julgo serem d'algum *banco*, pois que elle trazia sempre calçado umas sapatas de papel da fabrica da *moêda*!

D. Fortuna era uma estouvada, sem fé, sem lei, muito agil e mais cega que uma toupeiral

Ainda bem os noivos não tinham saboreado o pão da boda, e já entre elles lavrava funda discordia.

—Deus te guarde!—disse D. Dinheiro.

—E ao senhor tambem retorquiu-lhe o pobre.

—Não me conheces?

—Não o conhece senão para o servir.

—Nunca vistes a minha cara?

—Na vida de Deus.

—Pois que, nada possues?

—Sim senhor, tenho seis filhos nús; porém em questão de bens, não possuo mais que *colhe e come* quando o hal

—E estás aqui aguardando alguem?

—Eu guardar?... ah! sim espero que seja noite...

—E porque não trabalhas?

—Boa! porque não acho em que! Tenho tão má fortuna que tudo me sáe retorcido: desde que me casei, parece que a fatalidade me tomou á sua conta, sou o supra—summo da desdita!

Deitei-me a viajar por esses mundos fóra em busca de trabalho.

Cheguei a uma terra onde havia um rico palacio, cujo proprietario o era tambem: seis homens corriam de um para outro lado com cestos vindimos vasio, informei-me por um d'elles do que se tratava.

—«E' meu amo, me disse um d'elles,—que pretende introduzir o sol no palacio, de fôrma que nos tem empregado n'este serviço». Rime com gosto desta aventura, e tomando d'uma escada, fui-me ao telhado, e d'elle tirei algumas telhas por cujas fendas o sol logo penetrou, no palacio; por este facto, os homens lançaram-se, com boas tenções de apalparem as costellas se depressa não tomo a fuga.

Por bem fazer mal haver, continuei a caminhar em busca de melhor fortuna.

Fui parar a uma outra terra, onde um patrão contratou commigo abrir um poço que não tivesse fundo, promettendo-me *mundos e fundos* apenas dêsse a obra por concluida, porém em antes não adiantava nem um *centil*.

Ella queria governar, elle tambem queria ter poder, devendo porém notar-se que este era tolo e soberbo, e não estava portanto pelos ajustes.

«Senhores,—dizia por ahi um escriptor,—se o mar casasse, havia

perder bastante da sua braveza.»

D. Dinheiro era mais soberbo que um mar qualquer e não se deixava assim subjugar com duas razões.

Ora como ambos queriam ser mais e melhor, nenhum queria ser menos, determinaram fazer uma prova de qual dos dois tinham mais poder.

*

* *

Um dia disse a mulher para o marido:

—Olha vez alli abaixo á sombra da oliveira, aquelle pobre tão cabisbaixo e amofinado?

—Vejo!

—Bem, então vamos a vêr qual dos dois, tu ou eu, lhe fazemos melhor a sorte.

—Está dito.

Dirigiram-se até á oliveira e alli acamparam; elle rodando e ella d'um salto.

*

* *

O homem, que era um desgraçado que nunca em sua vida, tinha lançado vistas em cima d'um nem d'outro, abriu os olhos tamanhos como azeitonas; quando elles se lhes puzeram deante.

—Fiz bem, disse sentenciosamente D. Dinheiro; pois lá diz o rifão:—Dinheiros tomados, braços quebrados. Segue homem.

—Trabalhei a deitar os bofes pela bocca fóra; porque aquí d'onde me vê, com esta ruim cara, sou um homem senhor.

—Sim por isso estou eu!

—E' que, senhor, replicou o pobre: ha quatro classes de homens: ha *homens* como são os homens, ha

homensinhos, *homunculos* e *homensarrões* que não merecem nem a agua que bebem. Porém, como ia dizendo; tanto cavei, tanto afundei, que no fim, só encontrei um velho sapateiro.

—Nas entranhas da terra? exclamou D. Dinheiro indignado, ao saber de tão pessima visinhança junto do seu palacio.

—Não senhor, respondeu o pobre, não foi nas entranhas de terra, mas da outra banda em terra de gente.

—Que gente, homem?

—Nos antipodos, de fórma que no fim de tanto trabalho fiquei sem a promettida remuneração.

—Quero favorecer-te, amigo, disse D. Dinheiro mettendo pomposamente uma moeda de prata na mão do pobre.

Ao pobre pareceu-lhe um sonho esta generosidade, não corria, voava a alegria dava-lhe azas nos pés: arribou direitinho a uma padaria e comprou um pão, porém quando foi a tirar a moeda, não achou no bolso senão um agulheiro, porque a moeda safára-se sem fazer as despedidas—á francezal—

O pobre, desesperado, poz-se a procurar-a, porem, que havia de achar? Ovelha que é para lobo, não ha Santo Antão que a guarde.

Atraz da moeda perdeu o tempo, atraz do tempo perdeu a paciência; poz-se a amaldiçoar a sua má fortuna.

D. Fortuna não se continha com riso.

D. Dinheiro fez-se mais amarello que o ouro; resignou-se a dar ao pobre uma moeda de ouro.

A este entrou um alegrão n'alma, o coração parecia saltar-lhe pelos olhos.

D'esta vez não foi por pão mas a uma tenda, na qual mercou panos para vestir a si, filhos e mulher; porém, quando foi a pagar e entregar a moeda, o mercador principiou a dizer-lhe que o dinheiro era falso, e que o dono era também um moedeiro falso, e que hia denunciar á justiça.

O pobre ao ouvir isto, incendiou-se, e estava com uma cara tão afogueada, que bem se podia n'ella torrar pão; fugiu e veio contar a D. Dinheiro o que se passára, chorando.

Ao ouvi-lo D. Fortuna desfazia-se a rir, e o D. Dinheiro hia-lhe chegando a mostarda ao nariz.

—Toma, lhe diz D. Dinheiro, dando ao pobre duas outras moedas de ouro; bem má fortuna tens; porém, eu te heide ajudar ou então bem pouco poder tenho.

O pobre porém, apenas havia dado alguns passos, quando lhe surge uns ladrões que o deixaram a pedir chuva.

D. Fortuna fazia surriada ao marido, que estava mais corrido que um navio em arvore secca pelo vento.

— Agora toca-me a vez; havemos de vêr quem póde mais, se as saias ou os calções.

*

* * *

Acercou então do pobre, que estava estirado no solo, arrancando os cabellos, e soprou sobre elle.

Em seguida achou debaixo da mão a moeda de prata que havia perdido.

—Em fim do mal o menos, vou-me a comprar pão para os meus filhos, que ha tres dias andam a

meia ração, e que talvez a esta hora tenham o estomago mais vasio, como ha pouco ainda as minhas algebeiras.

Ao passar pela frente da tenda em que havia mercado a roupa o mercador o chamou e disse-lhe:

—Que succedendo passar pelo constraste se certificára que a moeda era boa e tão cabal o peso, que mais lhe sobrava que faltava, e portanto que levasse o que havia apartado.

O pobre deu-se por satisfeito e carregou com tudo, mas ao passar pela praça, uma porção de policias levavam preso os ladrões que o haviam roubado e em seguida o juiz, que era um juiz como Deus manda, fez restituir o roubo ao pobre sem custas nem sellos.

Pouco depois o pobre interessou com o seu compadre n'uma mina, ainda bem não haviam a profundado tres varas, quando acharam um filão de ouro, outro de prata, chumbo e ferro.

Dentro em pouco, já lhe davam DON, pouco depois SENHORIA e logo EXCELLENCIA.

Desde então tem D. Fortuna a seu marido amarrado e mettido n'um chinello, e ella cada vez mais leviana, e desaustinada que nunca, repartindo seus favores e dons sem tom nem som; á maneira de pau de cego, dá a esmo não tendo nenhuma ainda alcançado o narrador; que pelo menos espera ter para consolo a fortuna de agradar aos leitores.

L. y S.



O SACCO DAS NOZES

(CONTO POPULAR)

O abbade de uma freguezia costumava fazer a sua pratica aos domingos, e reprehendia os costumes do povo conforme lhe dava geito. De uma vez disse:

—Eu sei que cá na freguezia anda o costume de obedecerem os homens ás mulheres, o que é contra os mandados da Escriptura, e como diz o outro, vivem como em casa de Gonçalo onde pode mais a gallinha do que o gallo. Ora eu tive este anno muitas nozes no passal, e aqui declaro que dou um sacco cheio d'ellas ao homem que me mostrar que não anda ao dedo da mulher. Depois da missa quem se achar em sua consciencia sem este mau costume, pode ir ao passal buscar as nozes.

Estava na egreja um homem casado que era muito ralhão, e que tratava a mulher de mau modo; em casa ninguem abria bico deante d'elle; disse para um que estava á sua beira:

—Nozes já eu tenho, e é que ninguem m'as tira; pelo menos ninguem cá na freguezia m'as tira.

Chegado ao fim da missa, apresentou-se em casa do abbade. Aqui estou sr. abbade; não ha ninguem ahí pela freguezia que seja capaz de dizer que a minha casa é como a de Gonçalo.

—Eu bem sei o teu viver. É pelo que me tem dito, levas as nozes. Anda cá, vem encher o sacco.

O homem entrou, e puxou de um sacco meão; diz-lhe o abbade:

—O' homem, tu não tinhas lá outro sacco maior do que esse?

—Tinha, sim, senhor.

—Então porque não troixeste um sacco bem grande?

—Oh senhor, eu trazia; mas lá a companheira começou a dizer que era vergonha, teimou que trouxesse um mais maneirinho...

—Ah, grande tratante, despejame já essas nozes, que não levas d'aqui nada. Anda, tudo, tudo, e põe-te já no olho da rua.

O homem foi-se arrebellando, por lhe ter fugido a lingua para a verdade.

THEOPHILO BRAGA



LENDAS NACIONAES

FIGUEIREDO DAS DONAS

«É' um logar a tres leguas de Vizeu, no Concelho de Lafões; vejo-lhe o nome do seguinte caso:—Conduzia uma escolta de seis donzellas, das cem que o Mouregato enviava todos os annos ao Rei de Cordova; fez alto para passar o calor do dia; as donzellas foram recolhidas n'uma casa, e os mouros se espalharam pelo figueiral que a cercava. Succedeu passar por alli Guesto Ansur, nobre cavalleiro, bem armado, e seguido de escudeiros e pagens; ouvindo os gritos e clamores das donzellas, chega-se perto; e informado do caso chama os creados, e cae sobre os mouros, decidido a resgatar as infelizes de tão vergonhoso captiveiro; vae ceifando cabeças mouriscas até que se lhe quebre a espada; vendendo os mouros desarmado, arremettem

OS JUDEUS EM PORTUGAL

Participam da Bragança:

«Sabe-se que os judeus abundam no districto de Bragança. Ha por aqui povoações, como Azinhosa e Bornes cujos habitantes são quasi todos de procedencia hebraica.

Sabe-se tambem do aferro com que os judeus observam os seus ritos e costumes tradicionaes. Pois bem. Entre essas praticas, subsistem algumas extraordinariamente barbaras a ponto de ser increditaveis, taes como a que passo a referir-lhes.

E' o caso que, toda a vez que ha perda absolutamente a esperanza de salvar um doente, a familia d'este, a pretexto de abreviar a agonia, chama um dos individuos conhecidos pela denominação de abafadores e cujo officio consiste em acabar com o enfermo, asphixiando-o! E' espantoso que ainda hoje entre nós se pratiquem monstruosidades d'esta ordem!

Não ha muito, uma judia sentindo prestes a morte mas não querendo sujeitar-se ao supplicio do abafador, deu alguns valores a uma creada para que fizesse que a sua vontade fosse cumprida. Ora, arranjou-se que o abafador illudisse a vigilancia da serva e a pobre mulher foi submettida ao supplicio; como porem, á desditosa restassem ainda algumas forças, concentrou-as n'um arranquo supremo, quando o verdugo tratava de abafar, e arranhou-lhe furiosamente o rosto.

Para os srs., é tão estranho, tão monstruoso isto que lhes refiro, que não faltará quem o qualifique de mystificação; todavia é a pura verdade, que por aqui ninguém desconhece.»

OBSERVAÇÕES SOBRE O RISO

Um observador formulou sobre o riso as seguintes conclusões:

As pessoas que riem em=A=são:—francas, leaes, gostam do ruído e do movimento e tem algumas vezes o character versatil e inconstante.

As 'que riem em=E=são fleumaticas e melancolicas.

As que riem em=I=são, o riso das creanças são: pessoas sinceras, serviçaes, delicadas, timidias e resolutas.

As que riem em=O=são: generosas e indicam valor e arrojo.

As que riem em=U=são: misantropas e desleaes, de quem devemos fugir.

Conclusões: termina o observador, que em excepcionaes casos fallham. Nota-se principalmente nas crianças que não riem em=I=n'essas é claro que ha excepções.

As nossas amaveis leitoras terão agora occasião de corrigir os seus risos e procurarem aquelles que mais gostarem. Não indicamos nenhum, apenas recommendamos o ultimo com o mau symptoma para aquellas que quizerem agradar.

Nós escolhemos este:

Oh! Oh! Oh!



COSTUMES ORIENTAES

As mulheres egypcias e tambem as chinezas, são privadas das luzes religiosas e gozam pouco das doçuras da juventude. E' raro chegarem aos treze annos sem estarem casadas.

O mancebo que deseja casar-se informa-se com os paes da noiva

acerca do valor em que a avaliam. Este preço varia de nove a mil e quinhentos reis a noventa e cinco mil.

Se o pretendente possui a somma requerida, o casamento effectua-se com brevidade; mas se a não tem, elle trabalha com afinco até alcançar o preço que representa a companheira escolhida, tratando logo do enxoval da noiva que consiste em muito poucos objectos.

Na vespera da cerimonia nupcial, o enxoval é posto nos varaes d'um carro e assim percorrem com elle as ruas da aldeia ou os bairros da cidade.

O recém-casado é acompanhado por alguns amigos no bando publico e a noiva acompanhada pelas suas amigas. Depois do bando os da noiva dão um grande jantar que consta de carne de carneiro. Todos os convivas comem carne de carneiro e um pedaço é repartido pelos parentes e amigos.

Termina a refeição, a noiva retira-se, o esposo fica em casa e oito dias depois começa a vida de familia.



LOCUÇÕES POPULARES

FICOU A VÊR NAVIOS

Saber o que significa os rifões, annexins e dictados é o menos; porque os que os applicam o fazem a-propositadamente, conhecer, porém, á sua razão de ser, a origem, a causa, que lhes deu nascimento *hoc opus, hic labor est*; (tradução que é escusado dar por ser muito conheci-

da do povo, bastando apenas lembrar que n'ella entram o verbo *torcer*, o substantivo *porca*, e outro que é uma parte do dito animal) em summa ir escavar o terreno, onde jaz a raiz do proloquio, isso é que é o mais: *mas o que custa é o que lustra*.

Quem *fica a vêr navios* é o que vê perdidos todos os seus bens: esta é a geral acepção, do dictado. As palavras que o formam tomadas na sua natural significação, parecem exprimir coisa diversa. Os que lhe não conhecerem o sentido occulto, podem até suppór que a locução *ficou a vêr navios* = quer dizer = buscou uma distracção, etc. Mas tal não é: aqui não se deve dizer *latet anguis in herbis*, porém, *latet anguis in verbis*.

Viveu em Portugal em tempos que já vão longe certo millionario chamado Pedrossen. Tinha palacios, e terras, e não por dó mas sómente por jactancia dava esmolas a pobres. Tão rico como soberbo, reputava-se quasi um rei.

Esperava dentro em breve a chegada de alterosos galeões que lhe deviam trazer riquezas incalculaveis: como é de rego, não lhe faltavam amigos nem aduladores, attrahidos pela força magnetica da opulencia.

Eis que um dia sollicitos accorrem alviçareiros a dar-lhe a tausta nova de que surgiam á barra do Douro as esperadas galeras. Incontinenti erguem-se o archimillionario e seus inseparaveis convivas, e todos se dirigem para gosar do bello espectáculo, que a entrada triumphal da frota deveria produzir.

Então do seu palacio da Torre da Marca, Pedrossen avistando os navios que vinham distantes, disse em um assomo de blasfemo orgu-

lho: «Agora, ainda que Deus quizesse, não me poderia fazer pobre.»

Palavras não eram ditas, eis que subito tolda-se o ceo, negras nuvens se amontoam, o vento sopra, finalmente, desencadeia-se uma tremenda tempestade!! Os mastros manobram em vão; os navios, um por um, sobram todos!

Pedrossem sempre na esperança de que alguns se salvassem, *ficou a vêr navios*, dos quaes nem um só escapou.

D'este desastre originou-se a ruina do soberbo ricaço, que caindo em indigencia, chegou a pedir esmolas. Diz a lenda popular que nas palavras do pobre transparecia ainda o orgulho do rico, por usar elle da seguinte formula: «Esmola para Pedrossem, que já teve e agora não tem.»

Que este personagem existiu, não ha duvida; mas que a fantasia do povo muito exagerou, e fabulou alguns episodios da sua vida, é tambem ponto, que este não deve soffrer controversia.

Applique-se agora *el cuento*. Dos que perdem todos os seus cabedaes e haveres, e que das eminencias da plotocracia se despenham no chão da miseria, diz o povo, alludindo maliciosamente á lenda de Pedrossem, *que ficaram a vêr navios*.

Quanto a mim acho melhor *não tel-os do que assim vêl-os*.

Dr. Castro Lopes



O RICO AVARENTO

Homo quidam erat dives...

S. Cyrillo, Euthymio e muitos outros PP., referindo-se á tradição judaica, affirmam que esta narração do evangelho de S. Lucas, cap. XVI, v. 19, não é parábola, mas a historia d'um factó verdadeiro, acontecido pouco antes em Jerusalem. Accresce tambem o testemunho de Tertuliano e do Mestre das Sentenças, Pedro Lombardo.

O nome do rico conservado pela tradição, era *Nicencio*. Jesus Christo (diz S. Gregorio) não o nomeia por uma especie de desprezo para com o reprobó; ao passo que do pobre mendigo, predestinado e salvo, se compraz em mencionar o nome:—«*homo quidam dives—quidam mendicus, nomine Lazarus*»—

—«*Perinde ac si aperte dicat:—illum cognitum per approbationem habeo; hunc per judicium condemnationis ignoro.*»—S. Gregorio.

P. F.



TRES É A CONTA QUE DEUS FEZ—SETE O DIABO QUE TE ESPETE

«O poder dos numeros» liga-se ao culto sideral. Pelo que hoje se sabe dos cultos magicos da Chaldéa, toda a hierarchia demonologica era representada por, «numeros» não só nas imprecções como nas especulações theologicas. Diz Lenormant: «Em virtude d'estas especulações cada Deus era designado por um numero inteiro na serie de 1 até 60,

correspondendo á sua cathegoria na hierarchia celeste: um dos tijolos da bibliotheca de Ninive dá a lista dos deuses principaes, cada um com o seu numero mythico. Parece que a par da escala de numeros inteiros applicados aos deuses, havia uma escala de numeros fraccionarios applicados aos demonios, e assim correspondendo á cathegoria reciproca. Nas formulas numericas da tradição popular o valor da imprecação reside na passagem de um inteiro para outro inteiro; e a enumeração em ordem «inversa e decrecente» liga-se ao sentido da demonologia chaldaica, pois os espiritos malignos «móvem-se e obram assim ás avessas do curso natural das cousas e do movimento regular dos astros.»

(«*La Magie chez les Chaldéens*, p. 24.) Aos sete deuses dos planetas que governam o universo, a theologia chaldaica oppoz-lhes os «sete fantasmas de chamas», de que os nossos «sete pecacos mortaes» são ainda uma allegorisação. Em uma imprecação chaldaica, das publicadas por Norris e Bawinson, se diz: «Tu que és conhecedor das acções dos «Sete», ensina-nos os logares em que elles habitam».—Meu filho, os «sete», habitam a terra; os «sete», que nascem da terra; os «sete» que se metem pela terra; abalam as muralhas do abysmo das aguas».

Aqui temos o numero a converter-se em uma entidade domoniaca, o povo portuguez tambem diz: «Tres é a conta que Deus fez» e contrapõe: «Sete», o diabo que espete».



JEAN RICHEPIN

O dr. Ricardo Jorge, n'um estudo sobre D. Affonso VI, escreve:

E formado o grupo, *lá bête á deux dos*, segundo a imagem animal do implacavel Richepin...»—

A phrase não é de Richepin: é uma locução popular da França, cuja origem se ignora. Richepin aproveitou-a, como já antes d'elle muitos escriptores a tinham aproveitado.

Convém fazer esta rectificação, para não deixar pegar a moda de attribuir a Richepin creações que elle não fez. Ha tempos, correu toda a imprensa portugueza, entre exclamações admirativas, a canção da *Glu*; essa canção referia a immencidade do amor maternal na seguinte ficção:

Uma rapariga exige do seu namorado que vá matar a mãe, e lhe leve como prova o coração da morta. O namorado vae praticar o matricidio, arrancar o coração ao cadaver corre atravez dos campos ao encontro da sua amante. Mas na corrida tropeça o coração cae com elle. E no silencio nocturno, o matricida ouve uma voz,—a voz do coração da sua mãe,—perguntar-lhe carinhosamente:

T'as tu fait d'mal, mon enfant ?

Tambem isto não era de Richepin senão na forma,—que pouco valor tinha. A idea, que todos os jornaes portuguezes levanamente attribuiram a Richepin, era antiquissima. Existe n'uma lenda popular que corre em França e Portugal. Foi á tradição popular do seu paiz que Richepin pediu a ideia da sua canção da *Glu*, assim como qualquer poeta portuguez poderia pedil-a pa-

ra um trabalho identico á lenda nacional, —sem por isso se lhe outhorgarem honras extraordinarias de creador.



MISSA DOS ESPECTROS
NA
NOITE DE NATAL

TRADIÇÃO POPULAR
(*Olavarria e Huarte*)

Ha uma hora sagrada da noite de Natal, uma hora que a terra e o ceu ouvem com recolhimento; quando a constellação brilhante que segue a estrella polar na sua eterna carreira marca no espaço a meia noite, os anjos prostram-se de joelhos e adoram a Deus nas alturas, e na terra todas as forças misteriosas descansam um momento da sua actividade constante; é a hora em que Jesus veio ao mundo para prégar o Evangelho.

O inferno e o purgatorio tomam parte n'essa *tregua de Deus*, como lhe chama o povo; periodo de socego, de paz, em que os atormentados alcançam um momento de alivio. Os gnomos deixam os seus retirados esconderijos; as nimfas das aguas abandonam as suas fantasticas grutas; os genios do ar suspendem os seus vôos, e occultam-se no calix aberto das flores; a mesma vida detem a sua incessante marcha, para considerar por breve espaço a grandeza d'aquelle momento.

As almas pecadoras aproveitam-se d'essa tregua que Deus dá ao seu supplicio, e voltam a este mundo em busca de orações. Nas azas do ven-

to, confundindo-se com os flocos de neve, que ás vezes deixam cair as nuvens sob a terra, tornam a seus antigos lares resplandecentes de luz e resoantes de alegria e quando os sêres que amaram na vida celebram o nascimento de Jesus apresentam-se á sua memoria, e pedem-lhes a saude e a oração, que hão-de atenuar os tormentos que sofrem por suas culpas. E depois quando o gallo canta, annunciando que a noite vai abandonar o ceu, mais tranquillias mais ditosas, tornam as almas penitentes ao lugar onde aguardam a hora bendita da sua redempção.

Ha, porem, algumas almas que não deixaram successão na terra, e não teem quem se recorde d'ellas, nem, portanto, quem lhes reze; —almas sósinhas como lhe chama o povo; e, em tal noite, essas pobres almas voam sem saber para onde, vagando de um para outro lado, conforme os impulsos do torvelinho, seguindo os viajantes perdidos na montanha, ou extraviados no bosque, e pedindo-lhes as orações de que necessitam.

.....
.....

Estava muito adiantada a noite, e o velho parochio de uma aldeia, cujo nome occulta a tradição, pensava em deitar-se, depois de haver celebrado em sua casa o nascimento de Jesus. Todos os rapazes do lugar se tinham reunido n'ella, levando as suas gaitas de folles, os seus pandeiros, os seus tambores, para bailarem e cantarem villancetes diante do *presépio* armado pelo bom velho; e já todos se haviam retirado, depois de uma abundante ceia, e com o sono a pesar-lhe nas palpebras.

Tranquillo, satisfeito, sem encar-

go algum na consciencia, dispunha-se o bom sacerdote a imital-os, recolhendo-se ao seu quarto. Mas primeiramente quiz ficar só ante o presepio, para gosar da sua obra.

E, com prazer infantil, foi analysado detidamente todas as maravilhas que encerrava aquelle enorme presepe, producto de muitos dias de trabalho.

A decoração era como a lenda a descrever: em baixo, no pequeno, estabulo José e Maria contemplando o Menino Deus deitado sobre palhas, e a traz d'elles o boisinho e a mulhinha aquecendo o desnudado infante com o seu halito; nos declives tortuosos da montanha os pastores, vindo em numerosos grupos ser testemunhas do successo; ao longe n'uma curva do caminho, os tres reis magos montados em cavallos conduzidos á redea pelos pagens, e seguidos de camellos carregados de presentes valiosos; n'um angulo varios pastores em redor d'uma fogueira e em attitude de servir o que lhes diz um grupo de anjos, caprichosamente vestidos, nuncios da boa nova; ao fundo a cidade adormecida, indifferente ao prodigio que havia de completamente transformala...

E a par d'estes grandes conjunctos appareciam, não menos cuidadoso, os accessorios: aqui o arrioio caudaloso, precipitando-se do pendor da montanha, ali a torrente, transbordando por entre sinuosidades e penhascos; mais alem o moinho de vento, movendo duas poderosas aspas semelhantes a braços de gigantes; e acima da paisagem a estrella reveladora, indicando aos magos o caminho de Belem...

Muito tempo esteve o sacerdote absorto na sua contemplação; mas

quando um bocejo novamente lhe lembrou que era chegada a hora de se deitar, começaram a apagar-se uma a uma as pequeninas velas que ardião diante do presepio, illuminando-o com vivo resplendor e dando expressão ás toscas figuras de barro que se espalhavam pelo vasto monumento.

A aldeia estava em silencio.

As vozes, que ao principio da noite soavam frescas, harmoniosas, e mais tarde enrouquecidas, tinham deixado de ouvir-se. Não havia uma unica luz em todo o povoado. Depois de ter cantado o misterio da redempção, dormia satisfeito o povo.

—Já deve ser muito tarde, disse o parochio, e apressou a sua tarefa.

De repente uma pancada dada na porta da rua fel-o erguer a cabeça.

—Quem será? perguntou com estranhesa. Valha-me Deus!—ajuntou depois de breve pausa—algun infeliz agonisa na montanha, e reclama com instancia a minha presença. Vamos lá.

E dirigindo-se á porta, abriu-a de par em par, como homem que de nada suspeita e que nada tem a temer.

Mas... recuou cheio de espanto! Diante d'elle apparecia uma longa fila de seres estranhos, envoltos em tunicas brancas, á maneira de sudarios. Eram muitos, perdiam-se ao longe, e a vista não podia abrange-os.

Silenciosos, parados ante o umbral da porta, aquelles fantasmas esperavam sem duvida que o bom velho lhes dirigisse a palavra; mas este, incapaz de se mover, mudo de surpresa, permanecia ante elles como uma estatua.

Por um movimento instinctivo,

fez o signal da cruz, crendo n'algum embuste do demonio que vinha tental-o n'aquella noite; mas, ao vel-o benzer, todos os fantasmas o imitar-am, alongando os braços, cobertos pelos sudarios, fizeram o signal da cruz.

—Em nome de Deus, que que-reis? ponde por fim balbuciar o sa-cerdote.

—Em nome de Deus, vae á egreja, abre as suas portas, e diz uma missa por todos nós.

Incapaz de negar coisa alguma, sem mesmo pensar no que fazia; sahio o velho parochio de sua casa e dirigiu-se a egreja, seguido dos es-pectros, que se apartaram para que elle passasse.

A egreja ficava algum tanto dis-tante. Pelo caminho o bom do pa-rocho resava, e ouvia atraz de si um murmurio levemente perceptivel que se parecia com o suspiro lon-ginquo do vento: era que os espe-tros repetiam voz baixa a oração do sacerdote.

De uma vez volveu este a cabe-ça: atraz d'elle seguia a fantastica procissão, a que a pallida luz da lua e das estrellas, e o resplendor dos fogos fatuos, que brilhavam de um e outro lado do caminho, dava um aspecto mais fantastico ainda.

Assim chegaram á egreja.

O parochio abriu a tremer, as portas e dirigiu-se para o altar.

Os espectros entraram, apertan-do-se uns contra os outros, como folhas secas que o furacão revolve.

Alguns collocaram-se no presbi-terio, acomodaram-se outros no co-ro, e os demais nas solitarias naves.

A egreja era tristemente illumi-nada por uma pequena lampada que ardia no alta-mór ante um grande crucifixo.

O sacerdote acendeu as vellas á luz amortecida da lampada, abriu o missal, e começou o santo sacrificio.

A's suas primeiras palavras os espectros ajoelharam, e os echos da pequena egreja repeliram o ruido de ossos tocando no marmore das sepulturas.

Longa muito longa, foi a missa.

O parochio lia o velho livro, mas a sua voz tremia ao pronunciar as palavras, que se lhe atropelavam na garganta, como se atropelavam ante os seus olhos as letras do missal, que pareciam bailar em vertiginosa dança sobre a pagina amarellecida pelo tempo.

Ajoelhado perto d'elle, um dos espectros fez de acolyto, ajudando á missa e mudando o livro dos santos evangelhos sempre que assim o exi-gia o ritual.

Os demais, rigidos, immoveis, silenciosos, escutavam attentamente o sacerdote, sem que o mais peque-no ruido viesse perturbar o profundo silencio do recinto.

Chegou o momento solemne que faz cahir de joelhos a todos os cris-tãos; o momento misterioso em que, conforme a crença religiosa, o ceu se abre, o mundo estremece, e num raio de luz ineffavel, desce Deus e se faz carne, para se offerecer em holocausto pela salvação do genero humano, escravo da culpa; a can-painha, tangida pelo espectro que officia de acolyto, soou aguda e vibrante: os outros espectros pros-traram-se de joelhos, e n'uma ex-plosão de queixumes, de soluços, de suspiros, n'um alarido tremendo e geral que nada tinha de humano, repetiram por tres vezes a oração do sacerdote:

—Senhor! teudo misericordia de nós!

—Senhor! tende misericórdia de nós!

—Senhor! dae-nos a paz!

É ouviu-se outra vez o ruído de ossos chocando-se uns contra os outros, enquanto que lá em cima, no côro, o órgão, que tocava por si só, deixava ouvir a mais grandiosa das melodias saudando a hostia que, sustida pelas mãos tremulas do sacerdote se elevava sobre a sua cabeça, como o sol se ergue no céu, desprovido de seus brilhantes raios, na primeira hora da manhã.

Quando o sacerdote, depois de ter partido a hostia, se voltou para dizer:

Orae, irmãos!

os espectros deixaram cair os sudários, e appareceram como esqueletos horríveis, sustendo pesadamente as caveiras, de cujas orbitas vazias parecia correr um rio de pranto.

Seguiu a missa, grave e pausada, rezada sempre entre balbuciações e suspiros.

Ao terminar, voltou-se o sacerdote para abençoar os fieis, e todos os esqueletos inclinaram as caveiras sobre os peitos para receber a bênção.

Quando se voltou de novo, depois de fechar e de ler a antifona, soltou um grito de surpresa!

Estava só!

Correu á porta da igreja, e já longe, muito longe, viu um rastro de luz que subia ao ceo.

Eram as almas penitentes que, já redimidas, entravam no reino de seu pae.

Cantava o gallo, dando testemunho do nascimento de Jesus; uma tenue fita de prata começava a marcar no horisonte o ponto em que o

ceo e a terra parecem confundir-se; as estrellas empallideciam; a lua diminue de brilho; os campos despertavam; a calhandra annunciava o despontar de um novo dia...

O sacerdote seguiu com a vista o rastro luminoso que ia desaparecendo; quando já não poude distinguil-o, voltou ao altar, e, cahindo de joelhos ante elle, começou a orar fervorosamente.

(Elvas)

A. THOMAZ PIRES.



NOITE DE NATAL

EM

GADUZZ

O catholicismo hespanhol perdeu, pelo menos na Andaluzia o character sombrio que entenebrece as pinturas de Zurbaran. Distingue-o principalmente a mistura do sagrado com o profano. As lampadas dos nichos das casas particulares allumiam ao mesmo tempo as imagens e as namoradas que assomam de noite ás janellas. O assassino antes de esfaquear o proximo resa um Padre Nosso, para que o Senhor o favoreça na empreza. Ao lado da praça de touros ergue-se o oratorio destinado a prestar os confortos da religião aos toureiros moribundos. O padre, que acabou de applaudir no circo o matador de espada, ungil-o ha momentos depois, com os santos oleos.

Outra paixão do genio religioso de Hespanha que é a abundancia de

milagres attribuidos prodigiosamente a todos os santos e santas da côrte celestial.

Que *imbroglios* melodramaticos entretecidos pela musa popular!

A poesia e a fé, dando-se as mãos, desentranham-se em ficções.

A auctora santa do milagre reveste-se de uns longes de malicia innocente, que a confunde com uma protagonista de zarzuela.

N'uma das povoações marginaes da bahia de Cadiz conta-se, por exemplo, que uma Nossa Senhora, alli devotamente festejada, castigara, conforme vamos narrar, o feio peccado comettido por uns embarcações de Sevilha.

Tinham estes feito certo voto solemne á Senhora, vendo-se em perigo imminente de naufragarem na foz de Gualdaquivir. Mas, perigo passado, voto olvidado! O barco safou-se do escolho.

—D'outra vez, compriremos o voto!— disseram entre si o arraes e tripulantes, afanstando-se dos cachopos até que entraram a barra são e salvos.

Toda aquella noite navegou rio acima a embarcação, sem que ninguem de bordo dêsse vista das immediações de Sevilha.

E' quasi manhã. O sol não tardará que rompa das sombras que precedem o diluculo matutino. De bordo apenas se descobrem as vagas planuras do oceano, sem que de lado algum os mais tenues contornos de terra limitem!

O piloto pragueja, rala-se de afflicção; o mestre, o homem do leme esmorece como cão de agua, que não vê o perdido. Cravam-se os olhos de toda a tripulação no rumo da cidade, procurando entrever as grimpas da torre da Giralda, quando

apoz largas horas de anciedade e de terror se acham fôra da barra, a qual, como dissemos, haviam entrado na vespera.

Entretanto — oh prodigio! — a crescer a adiantar-se para o barco ia o comprido promontorio de rochas, onde tem sua ermida da Senhora, á qual os ingratos mareantes, haviam recusado a promessa feita em horas de amargura.

Estes milagres são tantos como as areias do mar. Contaremos apenas outro em duas linhas.

De uma vez, largou do ancoradouro de Cadiz uma nau ingleza. Bordeja por diante da ermida da Virgem. Como cães de protestantes que eram, aquelles herejes o que hão de fazer? Atiram á santa da capellinha uma bomba de artilheria! Ai, o que vós fizestes! Com lingua de palmo o pagareis, mofinos, perros tinhosos de Belzebut! E vac a Senhora muito subtil e tão mansinha como uma pomba, e com as suas mãosinhas delicadas levanta do chão uma das balas disparadas pelos herejes e —zás— reenvia-a impregnada de materias combustiveis á negregada nau, reduzindo-a a monte de chammas!

Não se sente n'estas fabulas piedosas a inspiração do genio dramatico hespanhol?

Outras vezes o milagre tinge-se de colorido das lenda e engasta-se —joia santa— no relicario poetico das gerações.

Ao genio nebuloso, mystico, austero, castamente idealista do Norte contrapõe-se o genio expansivo, folgasão, apaixonado, sensual da raça peninsular, da qual a Andaluzia é expressão culminante.

Esse temperamento de ebulição

e de febre transportam-n'o os andaluzes para as coisas da religião, e por isso folgam nos arraiaes, vezes nas romarias, doudejam nas procissões, e deliram na folia na noite de Natal.

*

* *

N'essa noite unica tudo em Cadiz respira festa. A população inteira anda na rua. A' luz profusa das lojas e cafés acrescem os lumes devotos das lampadas, nichos e oratorios.

A religião abre um parenthesis ao jejum. A gastronomia andalusa celebra o nascimento do Salvador com os seus mais apetitosos acepipes.

O insenso dos turibulos mistura-se com as emanações rancidas do azeite das trituras. O arraial torna-se o vestibulo culinario da igreja.

D. Basilio, com o seu chapéu tipico, volteia na onda popular, trepidando seraficamente debaixo da sotaina preta, ao doce contacto d'uma mulher galante, que roçou com as rendas fluctuantes da mantilha.

Valencianos de cabellos loiros e olhos negros de amora; *manchegos* de saiote romano, tipo da orgulhosa raça castelhana; *gitanos* de tez acobreada, olhar faiscante e sinistro; vasconços amestrados no contrabando das lãs de Aragão e das Castellas; arrieiros de Chiclana com os cabellos atados por lenços de cores alegres, e o sombreiro, sobrepuesto do abas largas! *malagueñas* esbeltas e arrogantes acostumadas a beber *Manzanilla*, e a fumar *papelitos*, rogando pragas como arrieiros e jogando navalhas como catalães, *maioracs* dos carros de Chiclana envoltos em cobrejões de riscas; *magos e gaditanas*, de

Triana e do Porto de Santa Maria, perpassem em magotes rindo toliando em descantes. Dir-se-ia uma torrente buliçosa e irrequieta de alamares, de fachas de seda, de franjas, de filagranas e torçaes, de leques e mantilhas, de mantas e cobrejões a collear a enfumecer, a despraiar pelas ruas e praças de Cadiz.

*

* *

Toda esta multidão tumultuosamente alegre converge para as imediações da igreja de Nossa Senhora do Rosario. Em redor e pelo meio do terrado da igreja prolongam-se as barracas, (alumiadas por candeias e luzes encerradas em toscos balões de papel) onde n'um mosaico imenso de pastilhas e confeitos multicores, se acumulam inumeras variedades de especiones, bollos, queijadas e rebuçados.

N'um segundo plano crepitam os fogos de cozinhas portateis onde se improvisam guisados de uma monotonia boçal.

Reduzem-se todos elles a fragmentos de carne, ou de peixe, boiando n'um oceano de azeite—semeados de archipelagos vermelhos de pimentão e colorau. O colorau é a alavanca com que o cozinheiro andaluz—Archimedes de avental—levanta um mundo desconhecido de iguarias.

A malagueta—digamol-o de passagem—é o *Deus ex-maquina* dos sainetes de refogado. Com a intervenção d'ella resolvem-se quaesquer dificuldades nas peripecias que tenham por teatro a panela ao lume.

Certos guisados andaluzes pertencem á familia das lamparinas; como estas, nadam constantemente em

azeite. O pimentão, esse, sendo empregado em larga escala, ao cabo de algum tempo, pode endurecer-nos a lingua com a insensibilidade dos tijolos refractarios.

Voltando ao arraial por detraz das barracas, n'uma larga penumbra, aos reflexos fantasticos das labaredas dos fogareiros e das lanternas abrigadas por papeis de côres, ouvem-se os guinchos, em tom nasal, das gaitas de folles repicam as castanholas, arpejam as guitarras, as *seguidillas* e descantes succedem-se como ao desafio.

A cidade transforma-se em uma serie continuada de mercados ao ar livre. As lojas abertas até alta noite despedem golfadas de luz.

Vendilhões ambulantes de bolos e de broas estão de sentinella ás mesas portateis, onde aquellas guloseimas se empilham á claridade de cotos de vellas obrigadas por grosseiras tulipas de papel.

A cada instante orquestras de pandeiros invadem em chusma as habitações particulares com uma ferocidade filarmônica verdadeiramente endiabrada.

Aproxima-se a meia noite. Tocam os sinos nos campanarios. As ondas da multidão engolfam-se pelas arcarias e porticos dos templos. Os sons do órgão preludiam a commovente commemoração do Natal.

Concluido o acto religioso, infiltra-se de novo e derrama-se em meandros pelas ruas e travessas o rio transbordante da população. Começam então as ceias em familia, banquetes em que o coração e o estomago por igual se dilatam.

Pouco e pouco vão-se extinguindo os fachos e lanternas que poucas horas antes rascavam de claridade o delado das travessas e encrusilhadas.

Vão affrouxando as convulsões estridulas de castanholas e pandeiros. Os fogos do vasto arraial amortecem-se e somem-se nos limbos da noite. Todos os rumores emudecem áquella hora adiantada, menos os murmurios do mar, que cinge Cadiz com uma larga facha azul, de um e outro lado da estreita lingua de terra que péga ao continente a formosa cidade andaluza. Esta, vista do mar, surge diante de nós uma ilha de alabastro, presa á terra por um fio apenas visivel de prata.

V. DE BENALCANFOR.



O NATAL NO ALGARVE

Tendo nós procurado obter noticia, para as *Republicas*, das festas populares do natal nas diversas provincias do reino, dirigimo-nos a varias pessoas naturaes d'essas provincias pedindo esclarecimentos. De um illustre deputado da maioria, e nosso amigo, recebemos a seguinte carta que diz respeito ao Natal no Algarve, e que certamente nos era enviada apenas como subsidio. Pedimos perdão para a inconfidencia; mas preferimos publical-a na integra a substituir-lhe qualquer artigo da nossa lavra.

Meu amigo.

São muito singelas as festas do Natal, Anno bom e Reis no Algarve.

Nas proximidades do Natal commecam nas principaes *egrejas* as novenas ao *Menino Jesus*.

Na noite de 24 exhibe-se n'essas *egrejas* um presepe, onde está em exposição o *Menino* para ser

contemplado e osculado pelos devotos de ambos os sexos que depõem na *respectiva bandeja* o óbolo, de que podem ou querem dispôr.

A' meia noite começa a *missa do gallo*, resada ou cantada, a que assiste grande numero de pessoas de todas as classes.

Finda a missa recolhe cada qual a sua casa, onde o espera o excellente lombo de porco, os fritos de varias fórmas e especies, e o café em amplas taças, que a um tempo preserva contra as indigestões e contra o frio.

No dia 25 trocam-se os cumprimentos de boas festas entre as pessoas de familias e as de suas relações.

E' de estylo congregarem-se ao jantar em casa de algum parente os membros de cada familia, repetindo-se esta festa em casa de outros nos dias de Anno Bom e de Reis.

Durante as noites dos tres dias, a que alludo, estão expostas em algumas casas particulares presepes, modesta ou luxuosamente arranjados, que são visitados não só pelas pessoas das relações dos donos da casa, como também por muitas pessoas estranhas, ás quaes é bizarramente franqueada a entrada.

Eis, meu caro amigo, o que é o Natal no Algarve, tão simples e tão modesto, como a desataviada descripção que d'elle faz o que é

S. C.



RESPOSTA AO CRITICO

Quando publiquei na *Revista do Minho* (pag. 54 55, vol. I, 1885) o vocabulario dos fadistas do Porto,

teve só em vista, mostrar o seu valor intrinseco; absteve-me de fazer comparações, como o sr. J. Leite de Vasconcellos me accusa de esse defeito, pois que se as fizesse muito massador me tornaria aos leitores da *Revista do Minho*.

Não fiz reparo algum em escrever a palavra—*Gajo*. E' para mim desconhecido um certo numero de couzas, assim como desconhecidas se tornam para grande numero de individuos. E isto explica-se bem:—Ha em França, uma revista de tradições populares denominada *Mélusine*; eu, como curioso que sou, escrevi aos directores pedindo a assignatura, e elles, responderam-me que: a tiragem era apenas de 10 exemplares, para os seus collaboradores. Ora n'estas circumstancias, toda a gente desconhece a leitura d'essa revista a não ser os seus 10 collaboradores. E, o que se deu com esta revista, deu-se com mais duas revistas inglezas—o *The Folk-lore Journal* e *The Folk-lore Journal Society*. Pois que, sendo eu em tempo, empresario da *Revista do Minho*, pedi a troca a essas tres (incluindo *Mélusine*) e ellas não accederam ao meu convite depois de muito bem saberem que a *Revista do Minho*, era o unico periodico portuguez dedicado ao folk-lore.

Assim, como acima disse, não repugnei em escrever o termo *Gajo*; e, se fosse a fazer comparações, diria:—*Gajo*, relacionasse com o termo portuguez *gajeiro*, e não diria que este termo se achava em Adolpho Coelho; porque este erudito professor, publica muitos artigos em mais jornaes, do que fez tiragem especial para amigos (de que não tenho a honra de pertencer); e eu,

por exemplo, que não tenho a felicidade de lêr nem de possuir esses artigos, desconheço-os totalmente.

O sr. J. Leite de Vasconcellos diz que *Vêrsas*, que não é giria:— que «na Beira Alta, por exemplo, é muito mais uzado do que *couves*; diz-se por ex. *caldo de bêrsas* etc.» logo é uma giria local; e se eu pequei para que é que o sr. J. Leite de Vasconcellos diz: *Vêrsas* (gallego) couves? Como vê peccamos ambos. E' que ninguem vê aquillo que faz. Demais, os leitores da *Revista do Minho*, pouco se importam com «o parece relacionar-se com o italiano», ou inglez. Isso é phantasia de critica.

Agradeço a v. ex.^a as suas observações.

BARCELLOS.

C. A. Landolt.



A POESIA POPULAR

NOS

CAMPOS

Peço licença para apresentar aos meus leitores o primeiro poeta d'esta terra — o povo.

Conheci-o a fundo n'estes dous ultimos verões, quer como espêctador atento dos *bailes de rôdas*, dançados ao domingo no terreiro, quer como ouvinte entusiasta das desgarradas á viola cantadas pelas calmosas e apaixonadas noites de agosto, quando o murmúrio dos riachos e o cíciar convidam o espirito á melancolia, e o coração ao amor do bom e do bello.

Os campos são, desde Teocrito e Virgílio, a imperação da verda-

deira poesia, da que se não a maneira presumida na adolescencia, nem se arrebica de postigas e mentirosas galas.

O homem do Arado e da charua, antes da sciencia lhe ter poupado o suor do rosto; inventando novos instrumentos agrarios e aperfeiçoando os antigos, era, nem podia deixar de ser, o poeta por excellencia, como quem recebia directamente da natureza, com o instinto do sentimento, a faculdade da admiração.

O sol, o Apolo da mitologia, ergue-se com o homem que trabalha na terra, alenta-o nas fadigas do dia, lega-lhe o fogo sagrado ao despedir-se ás horas saudosissimas do crepusculo, quando a creança adormece sorrindo, e o sino da ermida povôa de saudades o romanso das florestas.

O actor então, não é inferior ás scenas da natureza. Inctiva sem pedantismo, satirica sem maldade, plangente sem aféção, a poesia no homem do campo é quasi a sua linguagem natural, o que na cidade se lima e pule n'uma prosa trabalhada e difusa, dil-o de improviso e cantando o feliz requestador da ceifeira, devolve-lh'o ella melhorado n'uma trova singela, rescendendo aos melhores e mais suaves perfumes da campina.

No campo a poesia alarga-se com os horisontes. Antes de ser arte é coração. O amante anuado, a noiva traida, a esposa antes de ser mãe, todos tomam a poesia como um desabafo, todos se acolhem á sombra da cantiga. Linguagem que dá para tudo, porque é universal, a poesia nos campos tambem tem os seus filosofos, os seus desiludidos, como na cidade. A um ouvi eu, e

era dos melhores trovistas do sitio, sair-se depois de instado, dizendo:

Não canto por bem cantar,
Nem por ter falas de amante;
Só canto por dar o gosto
A quem me pede que eu cante.

Esta quadra era um remoque folhetinistico ás inumeras declarações amorosas que n'aquella tarde se tinham feito no bailarico.

A ceifa, a vindima, sobretudo as descamisadas, são as epochas florescentes da poesia saloia; são o rapido mais glorioso reinado de Augusto das letras campesinas. Que intelligente e surraterio commercio de olhares! que furtivos apertos de mão! que magoa dos queixumes! que temerias perguntas! que satiricas réplicas senão ouvem então.

Quando o sov'reiro der baga,
É o loureiro der cortiça,
Então te amarei, meu bem,
Se não me der a preguiça!

Ao desalmado, ao Lovelace que assim se descartava em pleno *baile de roda* da pobre moçoila que não via cá n'este mundo outro sol mais que o seu Manoel ouvira eu ainda no domingo anterior esta trova sobrescriptada aos magnificos olhos castanhos da sua béla:

Os olhos pretos são falsos,
Os azues são lisongeiros,
Os olhos acastanhados,
São os leaes verdadeiros!

Pobre Maria! Conheci-a requestada pelos rapazes mais abastados da aldeia, via, garbosa e esbelta, ser a primeira entre todas do lugar,

aplaudida, nas festas, nas louçanhas do cirio; ouvia cantar depois, já palida e desbotada:

D'encarnado veste a rosa,
De verde o manjeriçào,
De branco veste a açucena,
De luto o meu coração!

Dous mezes depois, pelo cair da folha, dormia, coitada, o derradeiro sono no cemiterio humilde da sua aldeia!

Era sina dos teus, pobre Maria. Ainda Deus te poupou o veres cá na terra a tua irmã dilecta, a timida mas festiva Aninhas, regando tle lagrimas o berço do filho adormecido; e cantou-lhe envergonhada:

Oh! choraè, olhos, choraè,
Que o chorar não é desprezo,
Tambem a Virgem chorou,
Quando viu seu filho prezo.

Depois continuou:

Quem tem meninos no berço
Por força lhe ha de cantar;
Quantas vezes canto eu
Com vontade de chorar!

E' porque ella, como tu, tambem arrastava a sua cruz de martirio cá na terra. A mal casada lhe chamavam, não que o pecado fosse d'ella, mas porque desacertara na escolha do marido, a quem eu lhe ouvira pedir ingenuamente um anno antes:

Se fôres domingo á missa,
Põe-te em parte que eu te veja,
Não faças andar meus olhos
Em leilão pela egreja

N'esta trova estava inteiro o coração de tua pobre irmã—a virtude e o amor! Quem lhe diria a ella, ainda hontem noiva festejada já hoje mãe abandonada, que a tristeza lh'a havia de trazer aquelle a quem cantara:

Se eu soubera que voando
Alcançava o que desejo,
Mandava fazer as azas,
Que as penas são de sobejo!

Agora as unicas azas que a cativam são as do anjo que recolhidas as tem no berço, mas que ella teme levantem o vôo, e a deixem cá n'este mundo sosinha e sem conforto.

Mas deixemos as tristezas aldeãs, e voltemos ao terreiro a escutar mais desenfastiadas trovas, e mais engenhosos conceitos. Vêem alem aquelle rapazote de jaleco de bombazina azul, cinta vermelha, botões de ouro na goleira? E' o primeiro dançador de fandango do lugar, o primeiro versista do concelho, o primeiro copo do districto.

Ensarilha uma feira a pau, lavra com bois proprios, traz ao terço uma terra do fidalgo, e já foi dous annos mordomo da festa de Santo Antão, a mais pagã, das festas do districto de Torres Vedras.

Ouçam-n'o, que traz de olho uma franga da freguezia, que vae mais vezes á brincadeira que ao confesso, e que elle projecta estramalhhar do rebanho do Senhor, como já o cura lhe exprobara na ultima prédica domingueira.

A rapariga não é bonita, mas para o poeta não ha difficuldades; até na fealdade acha recursos com que lustifica-se. Ouçam-n'o:

Entre pedras e pedrinhas
Nascem raminhos de salsa,
Pega-te á feia que é firme,
Deixa a bonita que é falsa.

A snr.^a Rosa (o nome e os espinhos são d'ella) percebe-o, e responde-lhe:

Quem disser que o amar custa
E' certo que nunca amou;
Eu amei e fui amada,
Nunca o amar me custou.

Animado por esta leviandade (talvez inocente), ali vae como o nosso homem se tirou do apuro. E' o desejo manifestando-se e desculpando-se nas ousadias d'um sonho:

Esta noite sonhei eu
Um sonho bem atrevido,
Que tinha na minha cama
A fôrma do teu vestido.

Agora um vêo sobre este lirismo aldeão e não sondemos a alegria d'este sonho, nem como a senhora Rosa o interpretou.

O que parece fóra de duvida é não t'er passado tão despercebido a petulancia do sonhador, que uma trigueirinha ciumenta, que andava na roda lhe retrucasse, fitando-o:

Se pensas que por tí morro
Ou por tí tenho paixão,
Nunca fui apaixonada
Da fruta que cae no chão.

Ferido assim no seu amor proprio, José dos Caracões (esta era a alcunha do conquistador encartado do sitio) sacudiu a melena, tomou uns certos ares de pimpão que lhe eram habituaes, quando aos saba-

dos no mercado comprava ou vendia, e, pegando na palavra da rapariga, julgou envergonhada pela sua pouca alvura unica pecha que com rasão lhe podia pôr cantando-lhe n'este sentido uma trova epigramatica.

Ella porém, accitando o desafio, respondeu-lhe como quem a fundo se conhecia pelo espelho:

Chamaste-me trigueirinha,
Eu não me escandalisei;
Trigueirinha é a pimenta,
E vae á mesa d'el-rei.

Arrependido de ter sido injusto com quem assim se despicava, ou antes não sabendo vencer o coração que puxava para aquella a quem offendera José dos Caracoos, pôz de parte os fingimentos, entendeu que devia falar a verdade inteira, custasse o que custasse, ás victimas dos seus arteiros arazoados:

Eu tenho cinco namoros,
Tres de manhã, dous de tarde,
A todos elles eu minto,
Só a ti fallo verdade.

A impressão causada no auditorio feminino por esta rude e inesperada declaração não é facil descrever-se.

O fanfarrão que a fizera, olhava em roda de si cauteloso, como esperando que algum irmão lhe pedisse contas do credito enxovalhado da irmã, mas ufano de si por vêr lagrimas de despeito em olhos que nunca até então tinham chorado!

No campo as musas são caprichosas como na cidade. Inflamam sorrindo o estro do seus admiradores, e, as mais das vezes, só rigores

lhe deixaram para tema dos seus poeticos devaneios.

E ellas, que o lirismo piegas já tornou ridiculas nas salas, ainda não foram destronadas na aldeia, nem o serão, emquanto a poesia serrana for comedida na hiperbole, e as aguas da Hipocrene saloia correrem sem pretensões a catadupas do Niagara.

Eu hei-de amar uma pedra,
Deixar o teu coração;
Uma pedra não me deixa,
Deixas-me tu sem rasão.

Em caso identico ao d'este desapontado amator, um poeta funebre teria esbravejado em estrofes dignas de furias. Ella contenta-se com uma ameaça concisa, resolve-se a amar uma pedra mas nem por isso deixa de ficar em paz com o senso comum.

Querem ouvir um conceito digno de Lafontaine, que um moralista levaria vinte vezes á bigorna, e que saiu feito dos labios frescos e rosados d'uma travessa peçadora?

A' minha porta está lama,
A' tua está um lameiro;
Quando falares das outras
Olha para ti primeiro.

A franqueza d'este desforço não desmente a boa fama da sinceridade aldeã. Quem tem telhados de vidro não atira ao dos visinhos. A-qui o desagravo sahiu á altura da injuria, mas a harmonia restabeleceu-se entre as duas sarcasticas inimigas.

Que magnificos olhos pretos não tinha uma d'ellas! Com que sobeja razão um amator do genero lhe não

cantara momentos antes.

Os olhos dos meus amores
São pretos, não tem maldade
Heide mandar fazer d'elles
Um painel da Piedade!

Como a rapariga lhe pegou na
palavra foi assim:

Os meus olhos são dous pretos
Que me chegaram de fóra;
De lá me vieram livres,
Cativei-os eu agora!

Toda a prosa deslavada do Secretario dos Amantes nem de longe hombraia com esta correspondencia ao ar livre, que chega franca de porte ao seu destino, sem o auxiliar do compostelano ladino, nem a avara segurança da estampilha moderna. Um sorriso é o intermediario unico entre dous namorados campesinos.

É recostado ao varapau ferrado, Castalia e maça de Hercules do pretendente, que ele acompanha a trova com um olhar que diz mais a quem é dirigido do prosaico subscrito de uma carta. E' fiada na inviolabilidade d'este genero de correspondencia que a gente do campo diz ironicamente:

Esta carta vae sem porte
Remetida a quem quer bem
Tem crime de mão cortada
Se n'ela bulir alguém.

Ou canta aludindo poeticamente ao seu afeto, e não traduzil-o de outro modo:

O papel em que te escrevo
Tiro-o da palma da mão:
A tinta sac-me dos olhos,
A pena do coração

E digam ainda que o calembourg não é cultivado na aldeia! E, dá-se por lá fresco e viçosa como tudo que o orvalho da manhã rocía, que o sol alenta, e a brisa da tarde refrigera. O trocadilho (deixem traduzir assim o arvezado de calembourg), se o não utilisam no campo para fazer espirito, porque ha lá mais em quem pensar, serve não poucas vezes de interprete a magoadas queixas.

Tenho um vestido de penas,
Não m'o fez alfaiate;
Eu o talhei ao meu corpo,
Eu o levei ao remate.

A tunica de Nesso não produziu decerto efeito mais violento no vencedor de Diomedes, que este pobre vestido de penas na queixosa que por suas mãos o talhára, sem desconfiar que em breve se lhe mudaria em cicilio!

O amor é a inspiração quasi constante da poesia popular, quer se manifeste festiva como a esperança, quer plangente como a saudade dos bons afetos que morreram. Desconhecedora das tradições pagãs, a gente do campo nega-as por instinto, e mata a a sêde poetica nas fontes puras da natureza. Cupido, o classico e brincalhão Cupido, e para os poetas da aldeia um rapazote sem importancia. O deus vendado não tem entre elles azas nem culto:

Quem pintou o amor cego
Não n'o soube bem pintar
O amor nasce na vista
Quem não vê não pode amar.

Com este credo, que é verdadeiro embora com elle se negue a auctoridade da mitolôgia e os amoro-

sos arrufos de que Olympo foi teatro, não podemos duvidar d'este poetico aforismo aldeão

Inda que o lume se apague
Na cinza fica o calor;
Antes que o amor se auzente
No coração fica a dôr !

A constancia aldeão, de que o snr. Castilho já zombou em lindos versos, tem em seu favor documentos poeticos de alta valia.

Estou quasi inclinado a crêr que a justiça feita pelo cantor da Primavera aos amores pastoris; foi insti-

gação do seu amigo Ovidio, maganão que deixou nas metamorfoses provas sem replica da sua incompatibilidade, (perdôe-me Ovidio este palavrão constitucional), para aferidor de constancias.

Quem me dera vêr meu bem
Trinta dias cada mez,
Sete dias na semana
E cada instante uma vez.

(Continúa)

L. A. PALMEIRIM.

NOTA

Excluimos nesta segunda edição toda a materia que continha a primeira que não dizia respeito ao assumpto do folk-lore, como seja bibliographia e annuncios litterarios que a primeira edição continha.



INDICE DO VOL. II

<i>Folk-lore Alemtejano</i> , por Antonio Thomaz Pires	5	<i>Observações sobre o riso</i>	44
<i>O Cancioneiro do Herminio</i> , por Alberto Pimentel	17	<i>Costumes orientaes</i>	44
<i>Ethnologia Açoriana</i> , por Armando da Silva	23	<i>Ficou a vêr navios</i> , por Castro Lopes	45
<i>Gereziana</i> , por R. J.	25	<i>O Rico avarento</i> , por P. E.	48
<i>D. Fortuna e D. Dinheiro</i> , por L. Y. S.	30	<i>Tres é a conta que Deus fez—sete o dia-bo que te espete</i>	48
<i>O Saco das Nozes</i> , por Theophilo Braga	37	<i>Jean Richepîn</i>	50
<i>Figueirêdo das Donas</i>	38	<i>Missa dos espectros na noite de Natal</i> , por Antonio Thomaz Pires	51
<i>A Família na China</i>	39	<i>Noite de Natal em Cadiz</i> , pelo Visconde de Benalcanfor	58
<i>Milagre da Cêra</i>	40	<i>O Natal no Algarve</i> , por S. C.	64
<i>Calendario Rustico</i>	42	<i>Resposta ao critico</i> , por C. A. Landolt	65
<i>Os Judeus em Portugal</i>	43	<i>A poesia popular nos campos</i> , por Luiz Antonio Palmeiriu	67



